

DOSO

Vindication: um rio dedi-
cado à construção coletiva
do movimento popular

Antônio: bom dia Boff

2002

VIRIDIANO

Uma vida dedicada a construção coletiva do movimento popular

VIRIDIANO Custódio de Brito é uma Liderança Popular, negro, vindo das classes excluídas da população, nascido em Santa Rosa, município de Formosa-Goiás, chegou ao DF, em 1969, aos 9 anos de idade, acompanhando sua mãe viúva e 5 irmãos, indo morar na Vila do IAPI.

Em 1971 foi removido, juntamente com outras 80.000 pessoas para Ceilândia, onde reside há 32 anos. Casado há 27 anos com Abadia Alves de Brito, em 1986, mudou-se da QNN 03 para a Expansão do Setor "O", bairro constituído devido à luta dos inquilinos de Ceilândia, da qual o VIRIDIANO foi uma das principais lideranças.

Trabalhou como engraxate, lavador de carro, Office-boy, pintor de paredes, vendedor ambulante, entregador de assinaturas e gráfico. Atualmente, é Educador Popular e Assessor Parlamentar.

Começou a vivenciar as lutas populares ao acompanhar sua mãe nas reuniões clandestinas do Movimento dos Incansáveis de Ceilândia. **MILITANTE** ativo do Movimento Popular, participou da fundação da ACESO – Associação Comunitária da Expansão do Setor "O", do CEPAFRE – Centro de Educação Paulo Freire e da CMP – Centro de Movimentos Populares, local e nacional.

Em 1983, filiou-se ao Partido dos Trabalhadores, sendo presidente do PT Ceilândia por três gestões e Secretário de Lutas Populares do PT do Distrito Federal por duas gestões e, agora, concorre pela primeira vez ao mandato de

Ainda a revolução brasileira

A revolução brasileira é só um nome. Ela nunca se realizou. As elites dirigentes vivem na ilusão de que é desnecessária. Basta fazer alguns retoques e, nas crises, pedir mais dinheiro ao FMI. E então o Brasil volta a funcionar sobre fundamentos sólidos (para eles). Se empréstimo resolvesse os problemas, estaríamos todos no paraíso social. Mas eles apenas nos precipitam mais fundo no purgatório da dependência, purgatório que equivale a um inferno para pelo menos 50 milhões de brasileiros. Quando Betinho, cheio de compaixão, deslanchou em 1993 a campanha contra a fome e a miséria, havia, segundo dados do governo, 32 milhões de famintos. Oito anos após, em 2001, consoante a Fundação Getúlio Vargas, esse número ascendia a 50 milhões. Esse dado não revela um inferno?

O Papa-bom, João XXIII, disse repetidas vezes que não conseguia dormir só em pensar nos famintos do mundo. Movido por esse sentimento escreveu a encíclica *Pacem in Terris* (1963). Agora, em 2002, o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento nos envergonha com a constatação de que o fosso no Brasil entre os que comem e não comem aumentou. Pudera! Somos a terceira maior concentração de renda do mundo, só perdendo para Serra Leoa e Suazilândia na África. Conseqüentemente, os direitos são sistematicamente violados.

Segundo a mesma fonte, numa escala de 1 a 7, no item respeito aos direitos e às liberdades obtivemos a nota 3. Rodamos rotundamente. Nessas condições, se entende por que nossa democracia tenha tão parca sustentabilidade. No arco de 100 anos, 70 foram vividos sob ditaduras. A vigência dos direitos e a inclusão social são precondições mínimas para o funcionamento da democracia e para qualquer mudança substancial. Com um povo faminto e doente, como daremos o salto rumo a uma sociedade sustentável e democrática?

Por isso, mais e mais cresce a percepção entre os analistas de que a perversidade estrutural brasileira não se supera fazendo economia de revolução no sentido de mudanças das estruturas de poder social, político e cultural. Para tal revolução se necessita acumulação de poder social que se canaliza em poder político que se proponha fazer a revolução no quadro de uma democracia enriquecida. Esta deve ultrapassar a democracia meramente eleitoral, que pára na porta da fábrica e comparece como democracia participativa, de baixo para cima e, por isso, popular. Essa força social e política já se constituiu em nosso país. Ela é representada emblematicamente por um torneiro mecânico que furou a blindagem das elites contra as mudanças estruturais e agora, pela quarta vez, se apresenta como portador da esperança de que um outro Brasil é possível. Sejam os claros: é o único que significa oposição ao sistema e não apenas oposição ao governo, como os demais. Sua eventual vitória poderá significar a revolução brasileira. Mas se, por fraqueza diante das elites, não a fizer, será execrado pela melhor consciência de nosso povo. Sua primeira meta é revolucionária: Fome Zero. Quem não começar por aí está defraudando 50 milhões de famélicos. Administrar a fome com migalhas, mas não cuidar dos famintos. Desta vez, nos que arriscar, coisa que nunca fizemos. E o risco poderá nos recompensar com o começo de revolução necessária, um novo começo de nossos melhores.

Leonardo Boff é teólogo

(Fonte: Correio Braziliense – 09/08/2002)